



O RELATO VIVO COMO EVIDÊNCIA PARA A APRENDIZAGEM DE HISTÓRIA, A PARTIR DE EXPERIÊNCIAS COM PRACINHAS

Jucilmara Luiza Loos Vieira
UFPR

jucilmaravieira@gmail.com

RESUMO: O presente trabalho de pesquisa foi desenvolvido a partir de experiência com sessenta e um jovens do terceiro ano do ensino médio, sobre o conceito substantivo soldados “pracinhas” na segunda guerra mundial. O percurso da pesquisa é de natureza qualitativa, por meio de relatos orais (entrevista aberta) e análise das narrativas produzidas pelos estudantes. A fundamentação encontra-se no domínio científico da Educação Histórica. Os resultados apontam que o relato oral serve para o trabalho do resgate de memória, instiga a subjetividade histórica, sendo um princípio para a formação da consciência histórica na relação entre passado, presente e futuro, revelando a forma de viver de uma determinada sociedade e sua cultura em um tempo.

Palavras-chave: Aprendizagem de História. Relatos Oraís. Educação Histórica.

ABSTRACT: The present research work was developed from experience with sixty - one young people of the third year of high school, on the noun concept soldiers “pracinhas” of the second world war. The research is qualitative in nature, through oral reports (open interview) and analysis of the narratives produced by the students. The reasoning is in the scientific domain of Historical Education. The results show that the oral report is for the work of memory rescue in stiga historical subjectivity, being a principle for the formation of historical consciousness n the relationship between past, present and future, revealing the way of life of a particular society and culture at a time.

Keywords: History Learning. Oral reports. Education Histórica.

* Mestra em Educação do Programa de Pós –Graduação em Educação da UFPR. Formada em Filosofia- UFPR. Professora Especialista em História e Filosofia da Ciência pelo IBPEX. Especialista em Psicopedagogia pelo IBPEX . Professora PDE de história da Rede Estadual de Educação do Paraná-SEED. Pesquisadora vinculada ao Laboratório de Pesquisa em Educação Histórica_LAPEDUH.

INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta resultados de reflexões a partir de investigação, realizada com estudantes do terceiro ano do ensino médio, em colégio da rede pública do Paraná, região metropolitana de Curitiba. O trabalho foi desenvolvido com duas turmas, totalizando sessenta e um estudantes no período da manhã. O conteúdo substantivo trabalhado na disciplina de história, foi a Segunda Guerra Mundial, tendo como foco a participação dos pracinhas paranaenses no conflito. A investigação parte da experiência dos jovens com relato oral na modalidade entrevista aberta, como fonte para a aprendizagem de história. O estudo fundamenta-se no domínio científico da Educação Histórica e segue a metodologia de natureza de pesquisa qualitativa.

Para encaminhamento do trabalho de investigação foi definido os seguintes procedimentos: 1) Instrumento de investigação de ideias prévias, por meio de cinco perguntas para verificação das carências de orientação dos jovens. 2) Visita ao museu para coleta de informações, documentos e vestígios. 3) Análise das fontes e contextualização. 4) Localização do pracinha e entrevista aberta. 5) Apresentação da entrevista aos colegas de sala e das interpretações obtidas no percurso. 6) Produção de narrativas como instrumento de metacognição. Na sequência, nas considerações finais, foi possível elencar como o trabalho contribui para a aprendizagem histórica, no domínio científico da Educação Histórica.

Contextualizando o relato oral como narrativa

O ato de narrar história sempre foi a forma mais primitiva dos homens passarem seus conhecimentos e experiências durante a vida. O jeito de narrar história de cada ser humano é peculiar. Desta maneira, a narrativa histórica demonstra características próprias que o ser humano tem de organizar em seu pensamento as ações vividas, experimentadas, a ponto de interpretá-las e exteriorizá-las com sentido. De acordo com Rüsen (2011), a narrativa histórica pode ser vista e descrita como

a operação mental constitutiva, onde a particularidade e processualidade da consciência histórica podem ser explicadas didaticamente e constituídas como uma determinada construção de sentido sobre a experiência do tempo. (RÜSEN, 2010, p. 43).

A narrativa histórica segundo nosso autor, é uma operação mental de construção de sentidos sobre a experiência vivida. Isto nos remete dizer, que a narrativa histórica para ter

sentido, precisa estar vinculada a uma experiência temporal significativa. O aprendizado histórico se faz por meio das experiências históricas significativas. Segundo Rösen (2014),

o sentido unifica a percepção, explicação de mundo, projeto de ação e formação de identidade num todo coerente, ao qual correspondem no plano do mundo vital da existência humana práticas e atividades mentais (portanto espirituais, emocionais e volitivas) concretas (RÜSEN, 2014, p.180).

A narrativa histórica é uma expressão do pensamento histórico que pode ser expressa de várias formas, sendo uma delas pelo relato oral. Os relatos orais tornam-se registros de experiências vividas, pois eles possuem o estatuto de transmitir as experiências no tempo.

A característica do relato oral é a memorização de uma experiência com sentido. Mas este sentido a que me refiro, não é apenas o meio pela qual se percebe uma sensação, ele vai além, tornando-se uma forma de orientação temporal. Conforme Schmidt¹ (2016), “o sentido é quando o ser humano ao elaborar um pensamento vai ao passado, relaciona ao presente e faz uma prospecção futura”. O sentido está relacionado com o colocar-se no lugar do outro, arrolando no presente as minhas experiências ao outro e vice-versa, podendo formular ou intentar uma ação futura.

De acordo com Rösen (2015, p.43), “o sentido é conferido pela experiência de uma mudança temporal”, e o ato de narrar histórias está vinculado a práticas que conduzem a interpretações que geram estes sentidos. Os relatos orais assumidos aqui como narrativas da experiência no tempo, permitem que haja o processo de interpretação, essencial para a formação histórica de sentido.

Para Rösen (2014),

a formação histórica de sentido significa interpretar a experiência temporal de uma maneira bem determinada, a saber, mediante recurso à experiência do passado. Ela é interpretada de tal maneira que o presente possa ser entendido e o futuro possa ser projetado repleto de normas e esperado de experiências. A categoria sentido permite decifrar analiticamente e interpretar sinteticamente esse processo, elementar para a vida humana, da interpretação temporal mediante apropriação do passado em forma de história. Ela permite visualizar as atividades mentais decisivas que perfazem a consciência histórica humana. Sumarizo-as como experimentar, interpretar, orientar, motivar (RÜSEN, 2014, p.181).

Entendendo que o sentido se configura como a interpretação da experiência humana no tempo, o relato oral por sua vez, tem o poder de expressar esta análise.

¹ Schmidt- comunicação verbal em Curso “*A burdening history (história difícil): conceitos substantivos e de segunda ordem na relação teoria e prática*”, - 2016 - Curitiba-Paraná.

As experiências orais chamadas de relatos, conseguem mobilizar lembranças e sentimentos, capazes de narrar a experiência humana em determinada sociedade em um período. Os depoimentos orais contribuem para construtos de pensamentos e desmistificação de fatos e histórias.

Na aprendizagem de história, o método de utilização do relato oral como fonte é que irá trazer a construção de interpretações para os pensamentos mais elaborados. A forma de inquérito da fonte relato oral, pode orientar a extração de informações preciosas para novas formas de pensamento. Neste âmbito, cabe um direcionamento metodológico para alcançar como a fonte relato oral, pode registrar e documentar um processo temporal com sentido. Esta preocupação levou-me a desenvolver essa investigação sobre como o relato oral, ou relato vivo pode constituir-se evidência e fonte para a aprendizagem histórica.

Organizando um trabalho na perspectiva da Educação Histórica

Tendo por base que o ensino de história para ser significativo deve conter elementos de sentido e orientação para a vida, ou seja, deve estabelecer relações para transformar-se em conhecimento, constituindo-se em aprendizagem histórica, a finalidade foi verificar como os jovens conseguiam relacionar o tema de estudo proposto nas aulas trazendo para a sua vida, a de seus familiares e inserindo a história como algo em que fazem parte e não como um passado distante, utilizando para isto fontes orais.

Mediante o trabalho com o conteúdo substantivo segunda guerra mundial, pode-se perceber durante as aulas, que os estudantes em suas participações orais, manifestavam a carência em saber se no município de São José dos Pinhais-PR, existiram pracinhas, que lutaram no grande conflito. Portanto, surgiu a necessidade de aplicação de um questionário para coleta de ideias prévias dos jovens acerca do tema Pracinhas paranaenses e especialmente são-joseenses(região de moradia dos estudantes).

Para a coleta de informações foram selecionadas cinco perguntas: 1) O que você sabe sobre os pracinhas do Paraná? 2) Você conhece alguém que lutou na segunda guerra mundial? 3) Você já visitou o museu do seu município? 4) Se você visitou o museu, o que lembra de ter visto? 5) Você conhece o monumento que existe no pátio do museu? Do que ele trata? As respostas deveriam ser escritas e o estudante poderia fazer um breve relato se assim preferisse. De acordo com as devolutivas, foram organizadas as respostas:

PERGUNTA / RESPOSTA	Total de 61 estudantes
1) O que você sabe sobre os pracinhas do Paraná?	
Pouca coisa	5
Desconheço totalmente o assunto	54
Não houve resposta	2
2) Você conhece alguém que lutou na segunda guerra mundial?	
Sim, conheço ou sei de sua história.	15
Não conheço.	46
3) Você já visitou o museu de seu município?	
Sim	36
Não	25
4) Se você visitou o museu, o que lembra de ter visto?	
Vestimentas, objetos antigos, livros, cartas, retratos, utensílios domésticos, chapéus, armas, instrumentos musicais, documentos, coisas velhas, obras de arte.	
5) Você conhece o monumento que existe no pátio do museu? Do que ele trata?	
30 jovens disseram ter visto um monumento, mas não sabem a que ele se refere.	
5 jovens disseram ser um monumento de homenagem a pracinhas.	
26 jovens disseram que nem sabiam da existência do monumento.	

A partir das respostas dos jovens, foi possível estabelecer que em relação a resposta de número um - O que você sabe sobre os pracinhas do Paraná? Os jovens tem uma carência no tema pracinhas e como estes tiveram envolvimento no conflito.

Na resposta de número dois - Você conhece alguém que lutou na segunda guerra mundial? Pode-se constatar que 15 jovens sabem um pouco a respeito de alguém que lutou na segunda guerra, porém não é possível estabelecer pelas suas respostas, se estas pessoas tem relação com um pracinha paranaense, necessitando para isto de maior investigação. Ao mesmo tempo 46 estudantes desconhecem a participação de alguém ou de algum familiar paranaense, na segunda guerra.

Em se tratando da questão número três - Você já visitou o museu de seu município? As respostas indicaram um número elevado de estudantes que já visitaram o museu do município. Entretanto 25 jovens dos 61 estudantes não tiveram interesse em visitar um museu. Oralmente atribuíram que não sabiam se queriam ir ver velharia, que era um local que não cheirava muito bem por ser fechado e que não havia um interesse maior, pois continha coisas do passado e que não faziam mais parte deste tempo. Desconheciam totalmente o que havia dentro do local.

Quanto a pergunta de número quatro- Se você visitou o museu, o que lembra de ter visto? Sobre o que os jovens lembram de ter visto no museu, as respostas repetiram-se demonstrando algumas palavras já mencionadas no quadro. Mesmo os estudantes que não tinham ido ao museu sabiam dizer o que contém um acervo. Não houve comentários acerca dos objetos ou acervo.

No que concerne ao monumento que está localizado no pátio do museu de São José dos Pinhais, de acordo com a questão número cinco, as respostas constam que 30 jovens já viram que existe um monumento, mas nunca se interessaram em saber do que se trata, enquanto que 5 jovens sabiam explicar que era uma homenagem aos pracinhas e 26 jovens desconheciam totalmente a existência do monumento e sua finalidade.

Mediante a coleta das ideias prévias dos estudantes e as discussões encetadas no coletivo, direcionou-se a investigação com os jovens pesquisadores a partir dos seguintes passos:- Visita ao museu local do município, nesta visita os jovens deveriam se deslocar até o pátio, a fim de observar o monumento em homenagem aos pracinhas da guerra. A segunda etapa da visita ao museu, constava da seleção de materiais (documentos e vestígios) que pudessem levar a evidências históricas acerca dos pracinhas são-joseenses. Na sequência, deveria ser realizada a localização de pracinhas são-joseenses ou de seus descendentes para uma futura entrevista. A etapa seguinte seria a entrevista (relato oral) com pracinhas ou familiares são-joseenses, ou se não localizassem ninguém no município, os jovens deveriam fazer contato com o museu do expedicionário em Curitiba-PR, cidade vizinha, a fim de realizar a entrevista com pracinhas paranaenses, e análise das fontes (relato oral como fonte).

De acordo com os objetivos desta etapa, os estudantes seriam separados em grupos para a pesquisa, e deveriam realizar a entrevista, com a devida permissão de direitos autorais, gravar para posteriormente ser apresentada em sala sob a forma de um vídeo ou slide para a turma. Ao final do processo, a última etapa seria a metacognição a partir de narrativa escrita. Os estudantes deveriam expressar em narrativas o que significou todo o processo de investigação.

ESTRATÉGIA DA PESQUISA- METODOLOGIA EMPREGADA

A pesquisa é de natureza qualitativa, sendo utilizada como principal técnica de investigação a análise das respostas dos estudantes a partir de fontes: relatos orais, na modalidade entrevista aberta, efetivada com pracinhas pelos jovens. Também foram usadas fontes escritas (documentos) e imagens.

Durante o processo, os jovens foram instigados a buscar vestígios, fazer análises e formular entrevistas, de acordo com os conhecimentos já construídos acerca da segunda guerra mundial. Em se tratando de alguns passos da investigação, chegou-se a alguns resultados: Sobre a visita ao museu do município, os jovens tiraram algumas conclusões: 1) Não sabiam que o museu possui informações preciosas sobre os pracinhas que lutaram na guerra e também desconheciam o monumento de homenagem no pátio do museu. 2) Ignoravam que alguns pracinhas tinham o mesmo sobrenome de alguns jovens ou familiares e quiseram saber se havia algum tipo de parentesco entre eles. 3) Descobriram a existência de uma lista de nomes de pracinhas que poderia ser investigado, acharam documentos, fontes. 4) Apontaram que não imaginavam que os pracinhas estavam tão próximos à eles, atribuindo que achavam que era um passado distante e sem valor. 5) Mudaram a concepção de museu, devido observarem o espaço como um local de pesquisa e não como depósito de quinquilharias, como haviam citado anteriormente.

Desta fase da pesquisa, pode-se apreender inicialmente dos estudantes, que o espaço museu passou a ser visto como espaço de memória. Os estudantes utilizam termos a se referir ao local como: investigação, patrimônio, monumentos, documentos, fontes, proximidade histórica e local de pesquisa.

No que se refere a seleção de materiais acerca dos pracinhas, obtidos no museu: 1) Os jovens selecionaram recortes de jornal e documentos escritos que traziam nomes ou informações de local de moradia destes pracinhas no passado. O material de maior contribuição, foi uma lista com os nomes dos pracinhas de São José dos Pinhais, que lutaram na guerra.

Em se tratando da localização dos pracinhas, os estudantes utilizaram alguns passos, a fim de tentar investigar o local de moradia destes pracinhas ou familiares:

1) Pesquisa na Copel, Sanepar, facebook e prefeitura, com o objetivo de verificar sobrenomes e cruzar informações, para que pudessem chegar ao local de moradia destas pessoas e fazer a pergunta se alguém da família lutou na segunda guerra mundial. 2) Pesquisa na secretaria da escola, de estudantes que tinham o mesmo sobrenome dos pracinhas. Nesta parte da investigação os jovens buscaram informações em mais quatro escolas da região. Além da secretaria, passaram em cada sala de aula com a devida autorização e conseguiram alguns elementos que consideraram pertinentes. 3) Busca de informações no quadro de avisos durante a missa na igreja católica e nos cultos de igrejas evangélicas, acerca de pessoas que tinham parentes que lutaram na segunda guerra mundial. Com esta etapa, os jovens

conseguiram realizar a coleta de informações entre a própria família, parentes, vizinhos, conhecidos, pessoas do bairro e de lugares mais distantes dentro do município e fora dele.

Em relação as entrevistas, os jovens conseguiram encontrar familiares vivos de pracinhas no município de São José dos Pinhais e no museu do Expedicionário fizeram a entrevista com alguns pracinhas. Nas entrevistas, os depoentes mostraram fotografias antigas dos combatentes, cartas e relatos escritos, documentos de alistamento e homenagem, contaram histórias de pracinhas, captura de inimigos, os tipos de vestimenta, de alimentos consumidos durante a guerra e como chegaram ao Brasil, como casaram, tiveram filhos, entre outros.

Para a etapa seguinte, os jovens realizaram vídeos com as entrevistas e apresentaram para a turma os resultados de suas pesquisas.

Nesta fase, quando os estudantes relatavam oralmente suas experiências para a turma, pode-se perceber que contavam o fato como se eles mesmos tivessem participado do acontecimento histórico. Isso nos conduz a afirmar que no trabalho com relatos orais, os jovens expressam o sentido, indo ao passado e se projetando nele, trazendo assim o passado ao presente e organizando expectativas. A partir dos relatos mostrados em sala, passou-se ao processo de análise dos mesmos com os jovens. A seguir, o relato oral de um pracinha, senhor Eronides, transcrito por uma aluna:

Como era a vida na guerra? A higiene era precária, tinha que ser muito macho para tomar banho. Primeiramente, havia um cercado de lona no meio do campo, entre os aviões. Tinha um tonel (grande recipiente para líquidos), que chegava e enchia tudo de água, se deixasse para tomar banho no dia seguinte teria uma crosta de gela em cima da água. Utilizava o cantil (uma garrafa de alumínio térmica), que vai dentro de uma caneca grande, que é presa no sinto do uniforme, o frio era certa de 0º Grau. Como os brasileiros são muito inteligente, quando chegamos em Pisa havia bolado um aquecedor com gasolina do avião. Um dia o aquecedor entrou em ‘orbital’, explodindo.

Com quantos anos foi para guerra? Fiz 22 anos lá. Já fui velho. Apresentei-me como voluntário, fui com 20 anos. Comemorei com aniversário no navio chegando à Nova York.

Qual foi a maior dificuldade? O mais difícil foi no inicio, se adaptar, aprender a língua. Depois que dominamos o assunto, nosso grupo virou independente no Panamá. Estávamos lá para defender o canal do Panamá.

Quantas medalhas? Quais? Melhoras da América do Sul, do Panamá, Campanha na Itália, do congresso Norte Americano, mérito, militar, Aeronáutica, dentre outros.

Qual era sua patente? Saí da Itália como cabo depois me tornei terceiro sargento e agora sou segundo tenente.

Como foi o fim da guerra? Estávamos tão habituados que falamos “que pena”, acostumados a deitar a meia noite e no verão às 22h, para prepararmos o avião.

Era casado? E sua família? Não era casado. Eu casei quando vim da Itália, cheguei no dia 18 de julho de 1945 e casei no dia 10 de dezembro de 1949.

Como foi a sua reação quando foi convocado para ir á guerra? Não fui chamado, fui voluntário. Estava servido e me apresentei. Eu nasci em berço pobre, mas sonhava em ser alguém na vida, estava no meu espírito.

Quando fui servir e apareceu a chance de guerra, pensei se eu não morrer, vou voltar de lá outra pessoa! Voltei da guerra falando um pouco de espanhol, três meses no Panamá, tivemos que aprender na “marra”. Sempre que tinha um folga saía correndo para passear e conhecer tudo, pois sabia que a chance era única e nunca mais iria voltar lá.

Qual era a alimentação? A alimentação era americana. Começamos no Panamá, onde ficamos três meses. A comida era salada de repolho, alface com creme de leite, a carne era de cavalo e carneiro com os temperos com catchup, mas também tinha coisas boas como: banquetas e pão de forma. Passei seis meses no Panamá, três meses no EUA e dez meses na Itália. Pisa foi aonde vimos à guerra acabar.

Momento marcado no período da guerra? Minha vida tem duas fazes, uma antes da guerra e outra pós guerra. Minha vida melhorou depois da guerra, mas não foi de imediato, depois que chegamos no Brasil o nosso governo era ditador e acabou com a força expedicionária. Foi quando, comi o “pão que o diabo amassou”, porque ninguém queria dar trabalho para expedicionário, achavam que era arruaceiro, linchava-nos de tudo! Sofri muito! Depois de 35 anos o governo aposentou (Sr. Eronides Cruz).

Entrevista feita e transcrita por Ana Caroline- estudante.

Foram vários relatos de pracinhas, cada um contendo uma particularidade sobre a guerra. Depois da explanação dos relatos em sala, mostrados por meio de vídeo, os estudantes apontaram que havia diferentes relatos, que foram separados em três categorias:

Situação traumática- Pracinhas descreviam condições difíceis de guerra e que eram complicadas de serem lembradas. “ Ficamos ali a noite toda dormindo na neve em cima dos cadáveres dos Tedescos, o fedor era insuportável, não tínhamos mais comida, passamos muita fome e frio” (L.C.pracinha). “ a bomba explodiu do meu lado, o meu companheiro morreu na hora, outro ficou agonizando e não tinha o que ser feito, aquilo era um inferno”(M.T pracinha).

Situação engraçada- “Nós tínhamos que passar a noite ali, então nós entramos no porão de uma casa que tinha vinho e queijo e começamos a comer com tanta fome que a gente tinha, no final estava tudo bêbado e tendo que pegar o inimigo”(A.R pracinha). “eu matei o alemão e sonhei que ele veio buscar eu de noite. Acordei com as cobertas sendo puxadas e meu pé estava bem gelado, como se alguém puxasse meus pés. Cobri a cabeça e até hoje não sei explicar aquela história” (B.J.pracinha).

Situação heroica- “eu queria ir para a guerra, pois eu sabia que se eu voltasse vivo de lá era a minha chance de mudar a história da minha vida e foi isso que fiz, quando voltei de lá eu era importante e tudo melhorou para mim”(V.P.pracinha).

“Quando nós desembarcamos, todo mundo gritava o nosso nome, perguntavam quantos a gente tinha matado ou capturado, chamavam a gente de herói”(P.P pracinha).

Após o trabalho realizado pelos jovens, os estudantes relataram que :

- Nunca pensei que as informações de pessoas de idade eram tão valiosas (Marcos- estudante)
- Aprendi a dar valor aos relatos orais, escritos e a informações que parecem pequenas, mas, que na verdade se forem sendo investigadas podem trazer descobertas incríveis(Emília- estudante).
- Descobri que a história é feita de vestígios, fontes e documentos e que estas fontes devem ser questionadas para levantar mais informações(Vanessa- estudante).
- Aprendi a indagar as fontes, buscar mais informações para confrontar, a fim de chegar ao que se deseja saber e que existe muita história que está ao nosso lado e que a gente acha que aconteceu no passado(Fabiano- estudante).
- O trabalho aproximou a família para que ela voltasse a contar as histórias que sabiam, ver fotos, ler cartas, reviver fatos (Juliana- estudante).
- Existem lembranças que podem ser lembradas e não devem ser esquecidas (Maria- estudante).
- Irei guardar objetos como diários, cartas, fotos, pois servirão de resquícios para quem vier no futuro estudar a história (Juliana- estudante).
- Me senti importante por ter tido contato ainda com pracinhas vivos e ter tirado fotos e filmado este momento importante(César- estudante).
- Me coloquei como participante da história, relacionando o passado e o presente(Alice- estudante).

Conforme o processo realizado para esta atividade de investigação foi possível construir a categoria:

Subjetividade Histórica: Os relatos orais possuem um caráter particular, cada ser humano tem uma capacidade de interpretação pessoal que lhe é própria. Este espaço pessoal do indivíduo quando se reporta a uma lembrança e a expressa como relato oral, reviva a memória, vivifica o passado e torna-o presente, relaciona-se ao conhecimento histórico e portanto, deve ser valorizado para a construção da aprendizagem. O relato oral é particular, mas torna-se universal a medida que pode ser confrontado com outros relatos, cruzando informações que podem levar a acontecimentos em comum entre os relatos. Relatos diferentes sobre um mesmo assunto distinguem-se sob a ótica da subjetividade, porém tornam-se semelhantes ao focar o mesmo ponto de investigação. O relato oral enquanto fonte é um conjunto de informações capaz de afirmar um contexto existente acerca de uma sociedade em um dado período histórico. Torna-se um instrumento para o ensino e aprendizagem de história, no sentido de proporcionar uma atribuição de sentido que poderia ser traduzida como a dimensão cognitiva, resgatando a identidade histórica essencial para a significação e reportando-se as relações de poder, conforme os elementos políticos.

Como meta cognição, foi solicitado aos estudantes que escrevessem uma narrativa acerca do processo, desde a constituição que tinham pelas ideias prévias, apresentações das entrevistas nas aulas e mediação da professora. Nesta narrativa os jovens deveriam expor contribuições para a aprendizagem histórica, os passos da investigação, as dificuldades encontradas, os pontos positivos e negativos, o conhecimento histórico e considerações que julgassem importantes.

Partes de narrativas dos jovens:

“Me trouxe novos conhecimentos, me fez ter mais interesse em aprender sobre a história, foi uma forma diferente que chamou muito a minha atenção referente ao tema”(M.j.). “ Foi muito bom, nós falamos com alguém que sentiu na pele o que aconteceu e sabia tudo em detalhes sobre assuntos jamais contados”.(J.A). “Considerarei o trabalho muito interessante e rico de aprendizagem”(L.B). “Vimos outros pontos de vista e entendemos melhor a partir das emoções que o entrevistado passou”(N.O.) . “Aprendi mais sobre a minha família”(M.M). “Obtive um amplo conhecimento”(S.A).
“ É uma outra forma de aprender de perto a história real, é muito interessante ouvir”(L.C). “Ouvir histórias serem contadas pela boca de quem participou dela, faz com que você se sinta dentro da história, ou seja, a emoção é muito maior, sendo que a pessoa irá contar e vai se emocionar, fazendo assim, as pessoas ao redor se emocionarem também” (G,S). “É um trabalho que nos proporciona histórias únicas, que poderemos contar futuramente”(D.K). “ O trabalho através da pesquisa foi extremamente relevante para a construção do meu aprendizado. Foi gratificante realizá-lo”.(T.P). “ Este trabalho me ajudou a comparar as coisas de antes com as de agora” (V.N).
“ Com tantas informações que eles nos passaram, você automaticamente imaginava como eram as coisas lá”(F.C). “Considerarei fascinante, pois vi relatos orais não apenas em livros” (A.B). “ O trabalho foi importante por resgatar memórias passadas”(I.C). “Aprendemos com as experiências dos outros”(K.O). “ Me proporcionou uma forma de aprendizado muito diferente de tudo que já tive”(O.P). “ Hoje conto para todos meus familiares conhecimentos incríveis de guerra”(M.X).

Considerações finais

Em se tratando das ideias que os estudantes desenvolveram a partir do tema Pracinhas paranaenses, com a intervenção metodológica, pode-se perceber um processo de crescimento e formação do conhecimento histórico. Dentre as etapas do processo, pode-se constatar que: os jovens aprenderam que o museu é um espaço de investigação, patrimônio, monumentos e fontes históricas. Os estudantes aprenderam as etapas de uma pesquisa e a forma com que é realizada uma investigação. Os jovens compreenderam a importância do relato oral como fonte para o estudo da história viva. Interpretaram diversos relatos e estabeleceram categorias: situação traumática, situação engraçada e situação heroica. A partir dos relatos orais, os jovens conseguiram estabelecer relações temporais, projetar-se no passado do outro

historicamente e perceber que a experiência do outro passa a ter sentido nas ações destes jovens no presente. Desta forma, o relato oral serve para o trabalho do resgate de memória e instiga a subjetividade histórica.

O relato oral serve como princípio para a formação da consciência histórica nesta relação entre passado, presente e futuro, pois revela a forma de viver de uma determinada sociedade e sua cultura em um tempo. Os jovens durante o trabalho com os relatos passaram a perceber que houve uma mudança em sua forma de pensar sobre as pessoas que participaram da guerra e o que um conflito representa. Isto tem um sentido histórico para suas vidas, pois causou mudanças de comportamento e de pensamento, trazendo uma humanização da humanidade, ou seja, o significado de mudança de comportamento, de valores, de pensamentos, opiniões, entre outros para a formação da cidadania. A aprendizagem a partir do relato oral sobre os pracinhas paranaenses, trouxe a partir de várias narrativas, diferentes visões sobre o fato histórico, conduzindo a evidências e propiciando o desenvolvimento cognitivo histórico, capaz de despertar o sentido histórico para a formação humana e perspectivar um futuro relacionando presente e passado.

REFERÊNCIAS

RÜSEN, Jörn. **Aprendizagem histórica. Fundamentos e Paradigmas**. Curitiba: W&A Editores, 2012.

_____. **Cultura faz sentido: orientações entre o ontem e o amanhã**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

_____. **Jörn Rüsen e o ensino de história**. Curitiba: Ed.UFPR, 2010.

SCHMIDT, M.A & CAINELLI, M. **Ensinar História**. São Paulo: Scipione, 2004.